

RELAÇÕES DE GÊNERO NA HISTÓRIA DA RECEPÇÃO: O OLHAR DE ANTÔNIO CONSELHEIRO SOBRE MARIA DAS DORES

Danielle Ventura Bandeira de Lima*
Carolina Teles Lemos**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como a concepção de Maria, entendida como a “Maria das Dores”, serviu como modelo de mulher para Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Conselheiro. O motivo para tal escolha é que, em um de seus discursos, Conselheiro a menciona como exemplo de vida e modelo incorruptível de mulher. Para tanto, tomando o gênero como categoria de análise, será observado o discurso do religioso sobre a figura de Maria como modelo arquetipal de mulher e como fundamentadora da visão patriarcal e androcêntrica da época. Tal análise dar-se-á em diálogo com o contexto histórico de Conselheiro a fim de se compreender em qual contexto o religioso está inserido e de que forma Maria, vista por ele como a Maria das Dores, é destacada como exemplo de mulher sensível ao sofrimento da pobreza e da calamidade, atuando em obediência e silêncio, mas sem recuar perante as dificuldades.

Palavras-chave: hermenêutica da recepção; gênero; Maria das Dores; Antônio Conselheiro.

GENDER’S RELATIONSHIPS IN THE ‘HISTORY OF THE RECEPTION’: THE LOOK OF ANTONIO CONSELHEIRO ABOUT MARIA DAS DORES

ABSTRACT

This paper aims to analyze how the conception of Maria, understood as “Maria das Dores”, served as a women’s model for Antonio Vicente Mendes Maciel, best known as Conselheiro. The reason for

* É doutoranda em Ciências da Religião pela PUC-Goiás, bolsista pela Capes/Prosup cursos novos. E-mail para contato: danihistoriadora@yahoo.com.br.

** Carolina Teles Lemos é Doutora em Ciências da Religião, pela Umesp. Atualmente, é Professora Titular no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Goiás.

this choice is that in one of his speeches, Conselheiro mentions as an example of life and imperishable model of woman. Therefore, taking gender as a category of analysis, will be observed the speech on religious figure of Maria that archetypal model of how women that androcentric and patriarchal based view of the time. Such analysis will be in dialogue with the historical context of Conselheiro in order to understand the religious context in which it is inserted and how Maria, seen by him as Mary of Sorrows, is highlighted as an example of a woman sensitive to the suffering of poverty and calamity, acting in obedience and silence, but not shy away from the difficulties.

Keywords: Receptions's Hermeneutics, Gender, Maria das Dores, Antonio Conselheiro.

INTRODUÇÃO

A análise das meditações sobre Maria, nominada por Conselheiro como a Maria das Dores, permite-nos conhecer um lado diferenciado da vida desse homem tão contemplado em diferentes estudos da historiografia brasileira¹.

A dimensão do sagrado e do sofrimento de Maria trazida por Antônio Conselheiro capacita-nos a observar como a mãe de Jesus foi recebida pelo religioso, a partir de uma hermenêutica da recepção.

Para tanto, serão analisadas as meditações sobre Maria das Dores, construídas por Antônio Conselheiro, observando-se, a partir do estudo da história da recepção, como a concepção da Bíblia apresentada pelo religioso é ressignificada atentando-se, ainda, para as concepções de gênero incutidas em sua devoção a Maria, enquanto modelo de mulher.

Antes disso, porém, faz-se necessário compreendermos, em breves linhas, o contexto histórico de Antônio Vicente Mendes Maciel para situarmos o leitor sobre, em que momento, o líder messiânico apropriou-se das narrativas bíblicas tornando-as mais próximas da realidade vivenciada pelo grupo.

¹ Identificamos aqui três correntes de pensamento que se voltam para o Movimento de Canudos. A primeira delas trata-se de uma visão de cunho romanceado que tende a sacralizar o líder religioso, do qual o pioneiro é Euclides da Cunha. Em uma delas, os nomes Facó (1972) e Moniz (1987) são bastante evidenciados por voltarem-se aos aspectos sociais do Movimento de Canudos, apontando uma análise de cunho marxista, que traz à tona a presença de uma comunidade igualitária que reivindicava melhores condições de vida. Há, ainda, autores, como Hoornaert (1997) e Otten (1990) que ressaltam a importância da mensagem religiosa para atrair seguidores ao Movimento de Canudos.

Enfim, no presente estudo pautado na história de Antônio Conselheiro, serão tratadas as ressignificações da Bíblia, perceptíveis em meditações construídas em torno de Maria das Dores, e, por fim, traremos à tona as concepções de gênero presentes na sociedade em que estava inserido o profeta e também de que maneira Maria serve de um modelo que é, concomitantemente, social, humanitário e tradicional para o contexto sociorreligioso em questão.

ANTÔNIO CONSELHEIRO E A DEVOÇÃO À MARIA

Nascido em 1828, Antônio Vicente Mendes Maciel é contemporâneo de uma época em que se tinha grande devoção à Maria, principalmente, a partir do dogma da Imaculada Conceição, instituído em 1856.

Visto pela historiografia ora como louco, ora como grande sábio, o que se sabe atualmente é que esse homem esteve, desde sua infância, voltado para o estudo da aritmética, da geografia, da língua francesa e da língua portuguesa.

Convivendo desde cedo com grandes perdas, Antônio, aos seis anos, deparou-se com a morte materna e, um pouco mais tarde, precisamente em 1855, com a ausência paterna.

Assim, ele teve de adquirir maturidade assumindo a loja de sua família e tendo de sustentar seus quatro irmãos. Depois de dois anos voltados para essa loja, o futuro Conselheiro começou a dar aulas em uma escola de fazenda.

Segundo a maioria dos estudiosos voltados para sua biografia, o futuro religioso é considerado como estudioso e esforçado. Rapidamente, ele tornou-se escrivão de cartório, solicitador e rábula.

Em 1861, casado há quatro anos, Antônio Maciel sofreu uma frustração amorosa ao ser traído pela esposa, Brasilina Laurentina de Lima, que fugiu com outro homem. Transtornado diante do que para ele e para a sociedade era uma situação vergonhosa, ficou caminhando sem destino certo pelo interior do Ceará e de outros Estados do Nordeste (STOLA, 1989).

Segundo consta nos relatos historiográficos², a fim de conseguir sobreviver, trabalhou como pedreiro e construtor, atividades apreen-

²A narrativa euclidiana é a que mais se preocupa em narrar com detalhes a vida do líder religioso, por estar preocupada em dar a ela um cunho romanceado.

didadas pelo pai. Dessa forma, Conselheiro voltou-se, naquele período, para a construção de capelas, igrejas e cemitérios.

A frustração diante da traição da mulher fez com que Antônio, posteriormente, condenasse toda e qualquer vaidade feminina e que evitasse olhar em seus olhos para não cair em pecado.

Essa compreensão de que o olhar da mulher é sedutor pode ser contemplada nos padres medievais que têm na figura de Eva um exemplo de perdição para Adão, desde o princípio da humanidade (DELU-MEAU, 1997).

Em 1893, Conselheiro fixou-se em uma fazenda abandonada às margens do rio Vaza Barris nascendo, ali, um movimento messiânico surpreendente em Belo Monte, ou Canudos, como popularizou-se. Lá, as vítimas da seca eram acolhidas, comiam, bebiam e trabalhavam de forma simples e estavam envolvidas por todo o misticismo pregado por seu líder religioso. Dinheiro e riqueza eram destituídos de força, uma vez que os moradores de lá entregavam tudo que tinham e adquiriam a moradia (OTTEN, 1990).

A forma como estavam dispostas as casas, nesse ambiente, é assim descrita por Cunha (2003, p. 79):

É um quadro surpreendente o deste acervo incoerente de Casas – todas com a mesma feição, e a mesma cor, compactas e unidas no centro de cada um dos bairros distintos, esparsas e militarmente dispostas em xadrez nos intervalos entre eles.

Facilmente, Antônio Conselheiro adquiriu projeção entre os flagelados da seca que o viam como uma figura santa; um profeta³ enviado por “Deus” para socorrê-los no “fim do mundo”, que, para ele, pregava ser em 1900 (DESROCHE, 2000).

É diante desse caráter peculiar de Antônio Conselheiro que ele escreve sobre Maria. Sua visão em alguns momentos assemelha-se à clássica visão da Igreja Católica e, em outros, adquire um caráter profético e revolucionário, como veremos com maiores detalhes adiante.

³ Ao considerarmos Conselheiro como profeta, destacamos ainda que esse tipo *ideal* é considerado por Weber como dotado de carisma, porque “reúne as condições para mobilizar os grupos e as classes que reconhecem sua linguagem porque nela se reconhecem” (BOURDIEU, 2008, p. 75).

ENTRE A DOR E O SOFRIMENTO: AS RESSIGNIFICAÇÕES DE MARIA NA ÓTICA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

Nos relatos das meditações de Antônio Conselheiro, constata-se menções relativas à obediência, à resignação e ao silêncio da Mãe de Jesus, nomeada por ele de Maria das Dores, bem como se relata desde a anunciação do anjo até à morte de Jesus.

Contudo a abordagem é notoriamente ressignificada, pois, em cada trecho, o sofrimento de Maria aparece com mais contundência levando-nos a refletir sobre as reapropriações das narrativas bíblicas feitas por esse profeta e que levaram a esse grupo a ter um caráter singular em relação aos demais. Em todos os eventos, Conselheiro reforça a dor que Maria sentiu, sua obediência e sua humildade.

Na primeira meditação, Conselheiro comenta sobre as tempestades no coração de Maria durante a anunciação do anjo Gabriel. Assim, a aparição remete-nos a uma ressignificação da narrativa bíblica, pois traz a visão das tempestades do coração de Maria revelando sua interpretação pessoal diante do novo significado que o símbolo de Maria traz para ele. Assim, a mensagem pensa que Maria,

Com temores diante dos desígnios de Deus, recatada no trato com o anjo e sofrendo em vista da humilhação do Filho de Deus a ser feito homem, ela obedientemente aceita ser mãe de Deus sabendo, porém que é apenas uma “obscura serva”. Os ouvintes são exortados a admirar o quadro e a conscientizar-se sobre as suas dívidas em relação a Maria, a Co-Redentora. (Antônio Conselheiro *apud* OTTEN, 1990, p. 204)

As atualizações da Bíblia, em diversos contextos, e, em especial, no contexto analisado, permite que se observe um acúmulo de significações adquiridas pelo texto tendo um caráter notoriamente inesgotável⁴.

No caso específico desse grupo, a reinterpretação do profeta faz com que as pessoas iletradas que aderiram ao Movimento de Canudos passem a ter uma visão de Maria diferenciada das narrativas bíblicas reproduzindo, em seu cotidiano, a imagem de Mãe que sofre e é protetora.

⁴ A análise das reinterpretações fazem parte do campo de análise da história da recepção, a qual, sendo uma disciplina inclusiva, não quer excluir nenhuma possibilidade de interpretação bíblica. Assim, ela valoriza tanto a leitura e interpretação erudita quanto a recepção popular dos textos bíblicos (MILTON, 2005).

Nesse lento processo de recepção, percebe-se que novas interpretações são realizadas por parte de pessoas que não tiveram contato direto com a Bíblia, pois suas narrativas adentram o campo da oralidade e dissemina-se entre as várias gerações dos cristãos (BENATTE, 2007).

A admiração pela jovem mulher escolhida para ser a mãe de Jesus é nítida não apenas por ele, mas pelo catolicismo como um todo que estava vivenciando o dogma da Imaculada Conceição enfatizando a pureza de Maria⁵.

A descrição de Antônio Conselheiro chega a tal ponto que, mesmo em momentos que Maria não é narrada pela Bíblia ou fazendo parte da tradição católica, o profeta “vê” como ela participou com muito sofrimento e obediência. Entre esses eventos, é destacada por ele a retirada de Jesus para o deserto (Mt 4.1). Sobre isso, Conselheiro medita que “Maria condoía-se com as asperíssimas penitências do Divino Salvador. Mas resigna-se sabendo que faziam parte da missão do filho” (Antônio Conselheiro *apud* OTTEN, 1990, p. 206). É narrada ainda a reação de Maria diante da morte de seus pais buscando enfatizar como ela era boa filha e exemplo de santidade, conforme se pode observar na seguinte meditação: “Embora chorando, Maria resigna-se com a morte dos pais dos quais cuidou com verdadeiro amor, respeito e dedicação dando um exemplo aos homens” (Antônio Conselheiro *apud* OTTEN, 1990, p. 206).

A forma como Conselheiro traz a dor de Maria durante a morte dos pais trata-se, provavelmente, de gerar uma identificação dos que viviam em condições precárias. Assim, Conselheiro traz uma releitura da Bíblia pautada em uma hermenêutica, que prima pela identificação com seu sofrimento pessoal e coletivo diante das perdas familiares e do contexto de seca e precariedade por ele vivenciadas. Tal narrativa permite que haja uma “reapropriação dos conteúdos para o processo de produção e distribuição de imagens, ou seja, dos imaginários ativados no processo de representação da realidade” (BENATTE, 2007, p. 66).

A riqueza de detalhes com que é narrado o sofrimento de Maria, perante a morte de Jesus, demonstra uma busca por justificar a visão dela como a mãe das dores e a mulher que sofre diante do sofrimento

⁵ Sobre tal situação Murad, (2004) e Gebara (1987) observam como a Imaculada Conceição de Maria, apesar de admitida na patrística e na Idade Média, adquire maior respaldo nesse período por ter sido declarada como dogma.

do seu filho. Esse sofrimento retrata um pouco a realidade vivenciada pelo Nordeste brasileiro nesse período. Sobre a sensibilidade de Maria em relação à morte dos inocentes, a meditação traz que: “Maria chora com as mães que perderam seus filhos. Ela se une aos prantos das infelizes, para que assim os corações de Herodes e de todos os ingratos judeus se convertam. É preciso ter compaixão de Nossa Senhora” (Antônio Conselheiro *apud* OTTEN, 1990, p. 205).

Na busca por trazer Maria com um papel ativo na vida de Jesus, o profeta reconstitui as narrativas bíblicas da prisão, da flagelação, do encontro com Jesus crucificado, da forma como Jesus foi transpassado com uma lança e de sua morte. Em tais cenas, Maria aparece como a Mãe que sofre e que está sempre presente na vida de seu Filho. Sobre a dor de Maria em relação à morte de Jesus, a meditação traz-nos que: “Só por constância admirável Maria sobrevive à dor que sente na morte de Jesus. Atormenta-a a frieza dos homens. Os rochedos demonstram mais sentimento” (Antônio Conselheiro *apud* OTTEN, 1990, p. 209).

No final das meditações sobre Maria das Dores, há uma narrativa que fundamenta um pensamento mítico sobre Maria que é de grande validade para o contexto inóspito por ele vivenciado ao trazê-la como a rainha dos mártires.

Há, portanto, uma visão peculiar sobre Maria, por parte do profeta, e que fundamenta a visão de seus seguidores ao refletirem sobre Maria como aquela que está se compadecendo seu sofrimento. Maria, portanto, é aquela que tem a capacidade de trazer conforto para homens e mulheres.

Contudo não se trata apenas disso, pois a solidificação de seu discurso está no fato de unir diretamente a imagem de Maria a Jesus, por ser Ele, para os cristãos, a figura de Deus que se fez carne.

É válido ressaltar ainda que, apesar de falar constantemente do sofrimento vivenciado por Jesus e por Maria, não há um fundo conformista em sua mensagem, mas de tom messiânico, observável pela busca por uma sociedade igualitária a partir do arraial de Canudos que estava arraigado por fortes mensagens de esperança e de promessas de dias melhores.

Assim, a imagem do sofrimento não leva à conformação da realidade, mas que se busque por mudá-la. Contemplar a mãe que sofre, ao

se ler as meditações sobre Maria das Dores, provavelmente amenizava a dor interior de muitos ao pensar que Maria também experimentou a situação de dor que o grupo em questão enfrentava. Otten (1990, p. 210) descreve o sofrimento de Maria e de Jesus:

tem a finalidade de comover os ouvintes, apelando aos seus sentimentos, a fim de levá-los à conversão de suas atitudes da Mãe e do Filho. Num lado, há a grandeza dos sofrimentos de Cristo e de Maria, no outro, o pecado e a mesquinhez do homem.

As reapropriações das narrativas bíblicas realizadas pelo profeta geram no grupo uma busca por mudança de vida a partir da santificação e da construção de uma sociedade melhor cujo ideal de monarquia estava presente. Percebe-se, novamente, como a releitura da Bíblia, em um contexto específico, é capaz de transformar concepções e, com isso, mudar a vida das pessoas.

Compreende-se que Jesus e Maria são reinterpretados com fervor por Antônio Conselheiro gerando mudança de atitudes das pessoas que participavam ativamente de seu movimento. Percebe-se que tais interpretações incorporadas por homens e mulheres ali presentes também condiziam com a construção social de seus papéis enquanto pessoas do sexo feminino e masculino, ou seja, desencadeiam atitudes que podem alterar significativamente as relações de gênero.

RELAÇÕES DE GÊNERO NO ARRAIAL DE CANUDOS

É preciso se fazer uma análise criteriosa sobre como Maria intervém nas relações de gênero e serve de base para as mulheres que participavam do movimento, ou para a visão de mulher que o próprio líder religioso tinha como modelo ideal.

Observando a própria biografia, percebe-se que a situação de traição do profeta e a atitude de ele condenar a vaidade, evitando, inclusive, olhar para a mulher nos olhos, revelam a distinção que ele fazia entre uma mulher que merecia seu respeito e aquela que era condenável.

A vaidade feminina, em seu pensamento, era sinônima de pecado. Nesse momento, torna-se perceptível o caráter dicotômico do pensamento de Conselheiro sobre a boa e a má mulher. Toda a devoção à

Maria demonstrada no discurso de Conselheiro revela aquilo que os estudiosos de gênero, como categoria analítica, põem em pauta, ou seja, sua contraposição à figura de Eva.

Notoriamente, há um discurso formado sobre a conduta feminina adequada e uma visão de que as mulheres poderiam ser ou vaidosas e pecaminosas ou castas e piedosas. Sobre esses dois tipos de mulheres, os estudiosos que analisam a sociedade androcêntrica identificam como dois referenciais, Maria e Eva (SCOTT, 1990; RICHTER REIMER, 2008). Nessa perspectiva,

[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produtos de incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes de ordem simbólica. (BOURDIEU, 2009, p. 45)

Nesses esquemas de pensamento, o caráter sacro notoriamente enfatizado na figura de Maria dá-se por ser ela contemplada como a virgem que soube ouvir e que, em sua simplicidade, participou de todo plano de salvação de Jesus.

Esse pensamento sobre Maria compõe a visão da mariologia clássica determinada pela igreja trazendo, como atributos da mãe de Jesus, o silêncio, a castidade e a obediência (COYLE, 1999; MURAD, 2004). Nessa visão, a instituição católica tendia a idealizar a figura de Maria:

a partir de certas qualidades ditas femininas, porém vistas segundo a ótica masculina. Assim sendo, Maria é recuperada por uma visão antropológica / teológica e passa a justificá-la na medida em que é produto dessa visão. Por isso, Maria, a mãe de Jesus, mãe de Deus, tal como é apresentada pelo mundo androcêntrico e patriarcal, não provoca conflitos, mas ao contrário, fortalece as bases culturais desse mundo, na medida em que se tornou também a sua grande mãe. (GEBARA, 1987, p. 12)

Contudo, tratando-se de uma figura profética, há uma ressignificação da figura de Maria por parte de Conselheiro e uma maior sacralização de seu personagem, como se pode constatar na maneira em que ele escreve sobre as meditações de Maria das Dores.

Essas ressignificações fazem com que Maria seja observada não apenas como a mariologia clássica se propõe, ou seja, como modelo de obediência, silêncio e castidade, mas é sinônimo de luta diante das intempéries da vida⁶. Isso ocorre porque Maria é tida como a rainha dos mártires.

Não se pode reduzir a figura de Maria apenas a um modelo de mulher obediente e silenciosa, afinal ela é trazida por ele como rainha demonstrando toda sua imponência⁷.

No imaginário messiânico latente, percebe-se que ela busca, ao mesmo tempo, ser um contraponto à figura de Eva, sendo também sinal de luta pelos que sofrem e precisam de proteção. Não é à toa que, mesmo desempenhando um papel específico no arraial de Canudos, mulheres e homens lutaram obstinadamente até à morte, independentemente de seu papel social, enquanto homens ou mulheres preestabelecidos por Antônio Conselheiro⁸. Para tanto, eles estavam envolvidos não apenas pelo ideal profético, mas pela figura de Maria enquanto rainha dos mártires.

Em suas reconfigurações da Bíblia, ao adequá-la ao meio em que ele estava inserido, percebe-se, em significações sociais sobre o gênero, que há um ressignificado da figura de Maria, pois ela não é posta simplesmente como a virgem, silenciosa e obediente, mas como a rainha dos mártires.

⁶ A ótica social da mariologia social é aprofundada posteriormente com a Teologia da Libertação. Podem ser mencionados como importantes teóricos que se dedicam a esse estudo: Boff (2006) e Boff (1983).

⁷ Conselheiro agregava não apenas elementos da visão da igreja e de uma visão profética sobre Maria, mas também se contrapôs a ela como instituição ao se recusar a terminar o movimento, mesmo sendo solicitado pelo Frei Monte Marciano, que tentou convencê-lo a se dispersar, mas foi duramente repreendido pela própria multidão que já estava fixada em Canudos.

⁸ As funções preestabelecidas eram: funções religiosas, funções de guerra contra a força armada – e daqueles que trabalhavam em prol da manutenção do movimento. Trecho confuso, sem coesão com a ideia anterior.

Enfim, percebendo-se os passos lentos da história da recepção, é compreensível como a visão de Maria por Conselheiro dialoga entre tradição católica e pensamento de cunho profético e libertador. Com isso, as próprias relações de gênero, nessa sociedade, são mais complexas de modo que, apesar das tradicionais funções ocupadas pelas mulheres em movimento do início do século 20, no caso específico do movimento de Canudos, Maria é sinônimo de obstinação e de luta, sendo firmada, nesse pensamento, que as mulheres defendem a manutenção do arraial de Canudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando à luz dos teóricos da hermenêutica da recepção, tomando o gênero enquanto categoria de análise, percebe-se nitidamente que, nas meditações de Conselheiro, sua alusão à Maria tende a sustentar uma visão de mulher sempre obediente à vontade celestial e que silenciou, durante momentos de grande sofrimento, como a fuga ao Egito (Mt 2.13), a profecia de Simeão e a morte de Jesus.

Contudo, analisando essas mesmas meditações sobre outro viés, percebe-se que, naquele período em que o culto mariano estendia-se mundialmente, Maria pode ser vista como uma mulher dotada de decisão, força e coragem mesmo na reflexão transmitida por Conselheiro.

Enfim, os participantes do movimento de Canudos, ao passo que vivenciaram fortemente o dogma da Imaculada Conceição, voltaram-se para as 29 meditações de Maria das Dores construídas por Antônio Conselheiro. Com isso, apesar de se estar incutida no imaginário a visão de que Maria é, de fato, a grande mãe que obedece, se resigna, silencia e se doa totalmente, há uma notória identificação com o caráter protetor, lutador e solidário da mãe de Jesus.

REFERÊNCIAS

- BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. **Oráculo**, São Bernardo do Campo, n. 5, 1. sem, 2007. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/012007/05-benatte.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____, Pierre. **A dominação masculina**. 6. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

- BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOFF, Clodovis. **Mariologia social**. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.
- COYLE, Kathleen. **Maria na tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus, 1999.
- CUNHA, Euclides. **Canudos e outros temas**. Brasília: Senado Federal, 2003.
- DELUMEAU, Jean. **A história do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DESROCHE, Henri. **Dicionário de messianismos e milenarismos**. São Bernardo do Campo, Editora UMESP, 2000.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria Clara. **Maria, mãe de Deus e dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos: uma revisão histórica**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MILTON, A. L. História da recepção da Bíblia: novos enfoques na pesquisa britânica. **Oracula**. Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã. São Bernardo do Campo, 2005. Disponível em: <<http://www.oracula.com.br/numeros/022005/artigos/84milton.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2012.
- MONIZ, Edmundo. **Canudos: a luta pela terra**. São Paulo: Global, 2001.
- MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas; Valência, Siquém, 2004.
- OTTEN, Alexandre. **Só Deus é grande**. São Paulo: Loyola, 1990.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Maria sempre bendita: textos e imaginários de uma história que se faz, desfaz e refaz. In: **Imaginários da divindade: textos e interpretações**. Goiânia: UCG; São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 101-123.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria de análise histórica. Tradução de G. Lopes Lobo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, p. 5-22, jul-dez. 1990.
- STOLA, José Antônio. **Canudos: uma utopia no Sertão**. São Paulo: Contexto, 1989.